

Caxias e o Amor

PALESTRA REALIZADA EM 24 AGO 73
NO ROTARY CLUB DA GLÓRIA/GB

Tenente-Coronel ENG QEMA
JOB LORENA DE SANT'ANNA

Um dos temas menos conhecidos sobre a vida militar de Caxias é a sua atuação nas Campanhas Externas de 1851 e 1852, justamente as que marcam o apogeu, a hegemonia do grande Império da América do Sul.

A História nos fala de dois vizinhos inconvenientes — Oribe, aquém Prata, e Rosas, além Prata. Inimigos dos próprios governados, tudo de mal faziam os dois caudilhos aliados. Chegaram a agredir brasileiros e já se mancomunavam numa vã tentativa de restabelecimento do Vice-Reinado do Prata, pondo em risco a independência do Uruguai, da qual o Império era fiador. Fomos à guerra. Caxias nomeado comandante-chefe das forças brasileiras. Mas os dois grandes comandantes de tropa que se empenharam em todas as ações — culminando com a Batalha de Monte Caseros, decisiva para a guerra e definitiva para o prestígio do Exército Imperial — foram, lembramos, Marques de Souza e Osório.

Esse o fato histórico.

Pois bem. Eis-nos, humildemente em preparativos para o Concurso de admissão à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. O professor, o preparador — o inesquecível General Flamarion Barreto Lima, o maior analista de História que me foi dado conhecer — dá justamente o tema: "Ação de Caxias em 51/52."

Não preciso dizer que o resultado dessa prova-treino foi fraco, muito fraco. Até então só sabíamos que o futuro Patrono do Exército marchara à retaguarda e que, de Colônia “dera um pulo” a Buenos Aires, a bordo de um navio, para reconhecer possíveis locais de desembarque.

Na correção-comentário aprendemos muito. Entendemos que Lima e Silva traçou, com prática imediata, a doutrina de que o Exército se ressentia. Instituiu, pela primeira vez, a função de Chefe de Estado-Maior com a significação moderna, em uso até hoje — coordenador do Estado-Maior. Fez estudos estatísticos úteis na campanha e para o futuro. Baixou doutrina sobre logística, segurança de área de retaguarda, transposição de rios, desembarque à viva força, governo militar e assuntos civis.

Estes e outros ensinamentos ficaram — a prova é que os relembro agora, sem esforço. Entretanto o que mais se me fixou daquela aula foi o conselho final do Professor ao criticar provas em que os candidatos, à falta de conhecimento, perderam-se em elogios a Caxias. Disse-nos, naquela oportunidade, o General Flamarion: “Alguns companheiros perderam tempo e gastaram papel atribuindo adjetivos a Caxias”. E concluiu: “Para que isso, companheiros? Não se esqueçam, Caxias, em si, já é um adjetivo”.

Sim, meus senhores, Caxias é um adjetivo, Caxias é um elogio. Em qualquer setor de atividade, seja militar, seja civil, todos sabemos o que vem a ser um “elemento Caxias”. O dicionário consigna o vocábulo comum de dois — como diz a nova gramática — “Caxias — pessoa extremamente escrupulosa no cumprimento das obrigações de seu cargo”.

Meus senhores, essa consagração popular e definitiva dispensaria qualquer acréscimo. Longe de nós, querer apresentar, portanto, um resumo biográfico do Duque de Caxias. Sua imagem transcendeu as enciclopédias, entrando no próprio Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.

Simplesmente, pois, façamos a evocação da grande figura: nada sei sobre o Patrono do Exército que os senho-

res não saibam. Não sou um "caxiólogo", conquanto manuseie suas biografias desde os meus 10 anos de idade.

Nesta evocação, deixemos à margem, por bem sabido, o Caxias mito.

Lembremos o Caxias homem, o Caxias humano, o Caxias sentimento, o Caxias Amor.

Pois a verdade é que, se olharmos Caxias pelo prisma humano, veremos que as virtudes que exaltaram seu prestígio decorrem, basicamente, da sua capacidade de saber amar. Referimo-nos, obviamente, ao Amor no seu sentido mais nobre, mais elevado, o sentimento profundo de nossas almas. Amor-sacrifício, Amor-renúncia, Amor-sublimação. Caxias sempre mostrou ter esse Amor a Deus, à Família, à Pátria, aos estudos, à profissão, aos amigos, aos companheiros, aos subordinados. Amor à responsabilidade.

Foi esse, reafirmo, o Amor que dignificou o ilustre brasileiro.

Até o respeito ao inimigo vencido, aqui ou no exterior, caracterizam seu Amor à pessoa humana. Só quem ama pode pacificar e apaziguar. Ninguém, como ele, pacificou rebeldes e apaziguou espíritos.

Vamos à demonstração, por partes, sem pretensões retóricas.

Só quem ama a Deus sabe ser modesto, ante as vicissitudes e ante as vitórias. Quem ama a Deus, manda rezar missa, ou qualquer outro ofício, em intenção das almas dos que tombaram nos combates, amigos ou inimigos. E não foi outra sua atitude após vencer os Farrapos.

O Amor à família estampa-se no respeito ao pai, o Brigadeiro Francisco Lima e Silva, contra quem nunca votou, nas lides políticas; o Amor à família se demonstra na dedicação à sua esposa Ana Luiza, a querida Anica, companheira leal de 41 anos, durante os quais só as atividades de guerra interromperam a vida em comum; o Amor à família com-

prova-se, ainda, no desvelo pela prole, em que Deus não permitiu que o único varão completasse, ao menos, 16 anos.

Eu não me perdoaria, e os senhores também não, se procurasse, no momento, justificar o Amor de Caxias à Pátria.

Vale, entretanto, dizer de seu Amor aos estudos e às lides militares. Certas repetições simplificadas do "curriculum vitae" de Caxias podem deixar a falsa idéia de que ele não estudou. Que, de tanto se ouvir — Cadete aos 5, Alferes aos 15, Tenente aos 17, Capitão aos 20, Major aos 25, Tenente-Coronel aos 34, Coronel aos 36, General aos 38 — pode-se pensar que ele tudo tivesse obtido na tarimba, por direito de sangue. Nada mais falso. Luiz Alves de Lima e Silva frequentou todos os cursos militares. Acompanhava, por leitura profunda, a arte da guerra, aqui e lá fora. Caxias não era um taumaturgo. Suas vitórias não foram fruto de milagres. Seu conhecimento advinha de estudo. Se tinha inspiração, esta se baseava em fatos viáveis ou testados. Caxias aplicou no Paraguai, além da própria experiência colhida ao longo de muitas campanhas, o conhecimento haurido através do estudo da Guerra da Criméia e da Guerra da Secessão.

O Amor aos amigos se destaca nas situações mais críticas. Quem ignora que Luiz Alves de Lima e Silva, então Major, de maneira discreta e inteligente, deixou de prender o seu amigo, o revoltoso e trêfego Major Miguel Frias, aquele mesmo Miguel Frias que, num golpe de audácia, obteve do inflexível Pedro I a abdicação em 31. O amigo Frias veio a ser o Chefe do Estado-Maior de Caxias, a que já me referi, na guerra contra Oribe e Rosas.

O Amor aos companheiros e subordinados foi a vida militar, toda, de Caxias. Economizando esforços desnecessários, soube poupar sangue e vidas. Sua imaginosa estratégia, sua tática audaz economizaram seus oficiais e seus soldados. Caxias sabia amar os subalternos, sem tiradas artísticas de demagogia.

Apenas aquelas pessoas dotadas, como Caxias sabemos o foi, de muito Amor à responsabilidade, podem ter a vida

pontilhada de tantos e tamanhos lances de altruísmo. Dedicava carinho todo especial à família imperial. Por isso o Imperador ia buscá-lo, sempre que o Império enfrentava graves crises, na certeza de vê-las resolvidas pelo soldado-estadista. Foi assim em São Paulo, em Minas, nos Farrapos, contra Oribe e Rosas, quando se buscou decisão para a Guerra do Paraguai, na questão religiosa, nas muitas viagens de Pedro II. . .

Só, e só, muito Amor à responsabilidade faz com que um General encanecido nas lutas, contando 65 anos, assuma a frente de dois batalhões reserva, como em Itororó, para decidir a sorte da batalha em golpe de liderança, coragem e determinação. "Sigam-me os que forem brasileiros!" . . . "Os que forem brasileiros que me sigam!"

Os que sabem amar sabem pacificar. Com nobreza e humildade, procurando apaziguar, Caxias soube até receber insultos de inimigos covardes e gratuitos.

Evocamos, com muita satisfação e orgulho, o homem que, há exatamente 50 anos, foi escolhido para simbolizar o soldado brasileiro.

Entendemos que, nesta reunião simpática e solene, em que nos sentimos muito distinguidos por estarmos presentes, está contido o desiderato de homenagear o Exército Brasileiro. Comovemo-nos pela espontaneidade do ato, sincero e gentil. Seremos os portadores muito honrados desta mensagem de carinho cívico que estamos vendo ser traçada pelos ilustres rotarianos da Glória.

Num país sem castas, como o Brasil, estas aproximações são muito profícuas, porque, mais e mais, se vê e se sente que em cada cidadão pode haver um soldado e que em cada soldado há um cidadão, pois as virtudes devem ser comuns; apenas difere a formação.

Civis e soldados, povo que pode ser Exército, Exército que é povo, vibram numa mesma frequência de entusiasmo cívico, de otimismo e de vontade forte em prol do Brasil que,

graças, em grande parte, à ação e ao exemplo dignificante de Caxias, chega altivo e respeitado aos dias de hoje.

Nosso imorredouro agradecimento aos que de modo tão espontâneo homenageiam a Força Terrestre, pois compreendem a participação continuada do Exército nos temas atuais de segurança e desenvolvimento. O Exército, com toda a modernização que o alcança, continua pautando sua conduta nos padrões legados pelo Duque de Caxias. Nossa reverência ao Patrono é diária. Defronte do Quartel-General, às 12,00 horas, as guardas prestam continência diante do Panteon de Caxias. Lá de cima, ao pé da estátua eqüestre, o corneteiro dá o toque do Marechal sem par, seguido da marcha batida regularmente. A Banda, uma vez por semana, toca os primeiros acordes do Hino a Caxias, em que se mentaliza a ode ao maior de nossos heróis:

“Sobre a história da Pátria, ó Caxias
Quando a guerra tropeja minaz
O esplendor do teu gládio irradias
Como um íris de glória e de paz”

Meus senhores, repetimo-nos para concluir:

Caxias — título do soldado exemplo do Exército Brasileiro, símbolo nacional de Amor ao dever.

Caxias — brasileirismo que significa pessoa muito dedicada às suas obrigações.

Entusiasma a todos nós saber que, ao longo dos tempos, o Brasil sempre contará com estes caxias cultuando e cultivando os exemplos daquele Caxias!

